

**Editorial**

É com grande contentamento que apresentamos a nossos leitores a nona edição da *Revista Ensaio Filosóficos*. Seguindo o modelo adotado desde o lançamento da Revista, contamos com um artigo internacional, uma entrevista e outros dez artigos de estudantes e professores brasileiros interessados no estudo e na discussão da filosofia, suas interseções e potências.

No presente volume, o referido artigo internacional foi escrito pelo professor Simon Critchley e traduzido pela professora Dirce Solis, que assim o apresenta: “Neste trabalho o autor discute a essência da tragédia como conflito entre liberdade e necessidade. Analisa a tragédia *Hamlet*, de Shakespeare, mostrando que há uma interpretação que tende para um Shakespeare católico, apesar de o autor da tragédia ser protestante. Para tanto, ele percorre as considerações feitas por Schelling em sua obra *Filosofia da Arte* e também o ponto de vista diverso de Hegel. Aponta como temas: a necessidade de um Sófocles num mundo diferenciado, considerando as observações de Schelling; o Hamlet de Hegel e seu desejo de um final feliz para a tragédia *Hamlet*; Hamlet como um homem perdido e seus múltiplos falsos reconhecimentos.”.

Mantivemos também nesta edição da *Revista Ensaio Filosóficos* uma das marcas de nosso trabalho editorial, a entrevista. Optamos continuamente por apresentar a nossos leitores essas conversas com professores e membros da comunidade acadêmica por acreditarmos na capacidade do formato de trazer para o trabalho intelectual uma esfera mais livre de diálogo e enfrentamento. Neste sentido, esta nona edição de nossa Revista pôde contar com a franca participação do professor Rafael Haddock-Lobo, comentando a partir de nossas perguntas sua relação com o pensamento da diferença e, mais importante, apontando para colaborações e sentidos possíveis de apropriação de elementos da tradição filosófica para uma reflexão viva e atual sobre nossa conjuntura política e sobre o trabalho acadêmico, auxiliando-nos, antes de tudo, a não negligenciar a relação indissolúvel que existe entre estas duas instâncias.

No artigo *Cosmologia como Exercício Espiritual e suas relações com a Astrologia Antiga*, Marcus Reis realiza uma precisa análise do sentido ético inerente ao estudo do cosmos, nos auxiliando a compreender que cosmologias antigas de pensadores como Platão, Aristóteles e os Estóicos não somente fundamentam a teoria da



astrologia na antiguidade, especialmente a do *Tetrabiblos* de Ptolomeu, mas abrem também o precedente de um novo patamar na reflexão ética, no pensamento do homem sobre si mesmo e, ainda mais, em sua própria existência. Isto por que tal estudo o aloca numa totalidade dentro da qual suas atividades ganham sentido e referência e que necessariamente acompanha todas as dimensões de sua vida, o cosmos. O texto nos mostra, em suma, o caráter promissor de um apelo aos antigos para a reflexão sempre urgente sobre a relação entre o saber científico e a vida, entre a regularidade divina dos astros e a necessidade constante do homem, este ser mortal, de encontrar, no todo, seu lugar e seus parâmetros de realização existencial.

Em *A collage como trajetória amorosa e o sentido de hospitalidade: acolhimento em Derrida*, escrito por Fernando Fuão, nosso leitor encontrará reflexões acerca de aspectos centrais da abordagem do movimento de hospitalidade/acolhimento feita por Jacques Derrida. Cabe notar que o texto não se limita a uma repetição das principais etapas de desenvolvimento de tal reflexão por parte do pensador da desconstrução, mas evidencia tensões e relações (de espera e hospitalidade?) entre este aspecto importante de seu pensamento e outros elementos de autores como Emmanuel Lévinas, Martin Heidegger e Roland Barthes. Neste sentido, o texto não apenas questiona a relevância de cada momento e sentido por trás da *collage*, mas a efetua também com o exercício do estilo.

Além deste, outros artigos que compõem o presente volume suscitam discussões importantes com a filosofia contemporânea. Dentre eles, *Fenomenologia e hermenêutica: a crítica de Paul Ricoeur à hermenêutica de Martín Heidegger*, escrito por Carlos Cardozo. Conforme sugerido pelo título, o trabalho refaz o caminho da revisão do pensamento de Martin Heidegger levada a cabo por Paul Ricoeur e assim aborda a interseção de duas correntes centrais do pensamento filosófico contemporâneo, a fenomenologia e a hermenêutica. As condições de possibilidade desta aproximação, agora típica e relativamente consolidada, estão na base dos esforços filosóficos tanto de Heidegger quanto de Ricoeur. O que o autor destaca, contudo, é que, para o pensador francês, a via adotada por Heidegger para a efetivação desta ligação seria uma via encurtada. A partir desta crítica, Paul Ricoeur pretende explicar as razões pelas quais a sua própria maneira de enxertar o problema hermenêutico no método fenomenológico representaria, então, uma via longa. É a partir daí que se desenvolve o texto aqui publicado.

Ainda no âmbito de um diálogo que adota algumas das tarefas impostas à filosofia pelo caminho de pensamento de Martin Heidegger como ponto de partida, publica-se aqui o texto de Cíntia Dias, *Vida, ciência e ética*. A partir de uma exposição clara do caráter problemático de alguns dos fundamentos comumente admitidos para o conceito de vida, a autora pretende rediscutir a abrangência do projeto de absolutização dos pressupostos e métodos ciências empíricas e a assunção da diferenciação abstrata entre natureza e cultura como ponto de partida para a delimitação de domínios pertencentes à filosofia ou a disciplinas como a física e a biologia. É digno de nota que a autora não permaneça apenas no interior de uma reconstrução conceitual, mas procure a todo tempo evocar a relevância de tais discussões para uma compreensão dos desafios bioéticos impostos pelos atuais avanços tecnológicos e, no fim das contas, pela atual configuração de nossa atividade científica e filosófica.

Refirmando um importante aspecto de nosso trabalho editorial, a interdisciplinaridade, além do artigo supracitado, oferecemos ao público a leitura do texto de André Mendonça, *O encontro entre a tarefa reflexiva filosófica e o trabalho empírico sociológico: fraqueza e força do Programa Forte*. Em seu trabalho, Mendonça problematiza justamente a legitimidade de certas interdições entre o trabalho reflexivo da filosofia e uma preocupação central com o âmbito empírico sociológico a partir da qual, supõe David Bloor, referência teórica no desenvolvimento do Programa Forte, pode ser melhor avaliada a natureza do conhecimento científico – e isto se levando em consideração tanto as suas teorias verdadeiras quanto as falsas. O autor não se priva de uma leitura crítica dos pressupostos de Bloor e nos apresenta passagens importantes de sua discussão com Bruno Latour, para quem, “o Programa Forte foi útil e ainda o é contra os poucos epistemólogos remanescentes. Ele se tornou um obstáculo para a continuação dos *science studies*” (LATOUR, B. 1999. pp. 116). Ao final do texto, observamos ainda a realização de uma autocrítica digna de nota, precedida pela observação do autor de que seja ela especialmente “endereçada aos estudantes de filosofia”.

Compõem ainda a presente edição da Revista *Ensaio Filosóficos* dois artigos que dialogam com a obra de Michael Foucault. Em *Destruir, pensar, problematizar a história*, escrito por Thiago Baltazar, nos deparamos com a explicitação de faces da abordagem foucaultiana do problema da historicidade, sobretudo em sua íntima relação com as descrições arqueológicas propostas pelo referido autor. Uma vez que estas, ao

perseguiem momentos críticos nos quais as narrativas consolidadas se mostram insuficientes para explicar aquilo a que se arrogam, evidenciam limites nas formas comuns de historiografia, servem como ponto de problematização para o referido pensador. Ao longo do desenvolvimento do trabalho temos a oportunidade de refletir também sobre uma máxima que Foucault parece não ter apenas formulado teoricamente, mas perseguido em cada canto de sua realização intelectual, a de que o pensamento deve ser uma crítica e um diagnóstico do presente. Em que medida se articulam e se implicam uma arqueologia de certas narrativas e saberes consolidados no curso da história e uma crítica e diagnóstico do presente como a abertura de novos campos de possibilidades é algo que nosso leitor poderá se perguntar a partir da leitura do texto supracitado.

Além deste, nosso leitor interessado no pensamento de Michael Foucault encontrará na presente edição o artigo de Rogério Luis da Rocha Seixá, *Éthos crítico e governo em Michael Foucault*. Ao revisitar as leituras do filósofo do texto de Immanuel Kant sobre o esclarecimento e as heranças que daí ele retira, o autor do artigo nos convida a pensar sobre o sentido ético do projeto crítico e seu apelo ao alcance da maioria do homem. Por outro lado, somos impelidos a visualizar a amplitude de significação da ideia de um *éthos* crítico, caracterizado como uma virtude, mas também como uma tomada de posição frente a certas verdades supostamente estáveis, em sua necessária relação com uma prática livre e, por isso mesmo, em sua relação com o governo, ou seja, com um exercício de ato-poder para condução das condutas dos indivíduos e, principalmente, da gestão das coisas.

Sobre o pensamento filosófico dos âmbitos social, político e, conseqüentemente, jurídico, característicos da existência humana, escreve ainda no presente volume Miroslav Milovic em seu *Jusnaturalismo e idealismo*. A partir de uma abrangente retomada do desenvolvimento da teoria do estado e da filosofia do direito na modernidade e recuperando reflexões e argumentos de autores como Hobbes, Rousseau, Locke e Hegel, dentre outros, o autor procura evidenciar não apenas o cenário espiritual que herdamos desta tradição, mas suas contradições internas e incoerências, visíveis agora em nossa forma de organização política e nos problemas efetivos com os quais vêm se deparando os regimes contemporâneos em sua pretensa determinação democrática. Neste texto, aqui publicado, o autor se vale de alguns aspectos do jusnaturalismo, da teoria contratualista e do idealismo para sugerir uma

problematização de noções tais como as de liberdade e coletividade e, sobretudo, para apontar a posição em que nos encontramos com relação a tais ideais e conceitos.



Outra discussão acerca da reflexão filosófica ético-política poderá ser vista no texto de Bruno Barbosa dos Santos, *A imagem do Leviathan: poder soberano e vida nua na teoria política de Thomas Hobbes*. Nele o leitor encontrará uma cuidadosa abordagem da teoria do Estado de Thomas Hobbes, vista também em esclarecedoras associações com elementos das obras de Carl Schmitt e Giorgio Agamben. Alinhado com a proposta editorial de nossa revista, o texto procura caminhar pelos espaços comuns através dos quais caminham pensamentos aparentemente distantes e cujas motivações iniciais divergem. A discussão filosófica proposta pelo artigo, acerca do desenvolvimento, na contemporaneidade, de políticas em que o estado de exceção é a regra de governo, nos parecem oportunas e de extrema relevância política e social.

Cabe, portanto, aproveitar o ensejo para reafirmar perante nossos leitores e colaboradores o interesse e o compromisso de nossa publicação com a expansão da experiência acadêmica para o âmbito maior da vida pública, do qual ela jamais deve julgar-se isolada. Procuramos acentuar este aspecto de nosso trabalho editorial, sempre pautado na aceitação da diferença de temas e domínios, de posições e pressupostos, e colocarmo-nos assim ao lado daqueles que creem na mais autêntica necessidade, para a efetiva consolidação de uma coletividade feliz e justa, da existência perene do debate responsável e, sobretudo, livre.

Corpo Editorial da Revista *Ensaio Filosóficos*